

REVISTA

CICEP

EVOLUÇÃO

SETEMBRO DE 2023 V.2 N.9



DATA DE PUBLICAÇÃO: 10/09/2023



SL EDITORA

Revista Evolução CICEP

Nº 9

Setembro 2023

Publicação

Mensal (setembro)

SL Editora

Rua Bactória, 164, Torre 2 - 85 – Jardim Vila Formosa 03472-100

São Paulo – SP – Brasil

www.sleditora.com

Editor Chefe

Neusa Sanches Limonge

Projeto Gráfico e capa

Lucas Sanches Limonge

Diagramação e Revisão

Rafael Sanches Limonge

Responsável Intelectual pela Publicação

Centro Institucional de Cursos Educacionais Profissionalizantes (CICEP)

Revista Evolução CICEP – Vol. 2, n. 9 (2023) - São Paulo: SL Editora, 2023 – Mensal

Modo de acesso: <https://www.revistaevolucaocicep.com.br/>

ISSN 2764-5363 (online)

Data de publicação: 10/09/2023

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370

CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário - CRB/8 8090

SUMÁRIO

A REALIDADE DE VIOLÊNCIA DA ESCOLA BRASILEIRA

Luan Merida de Medeiros.....4

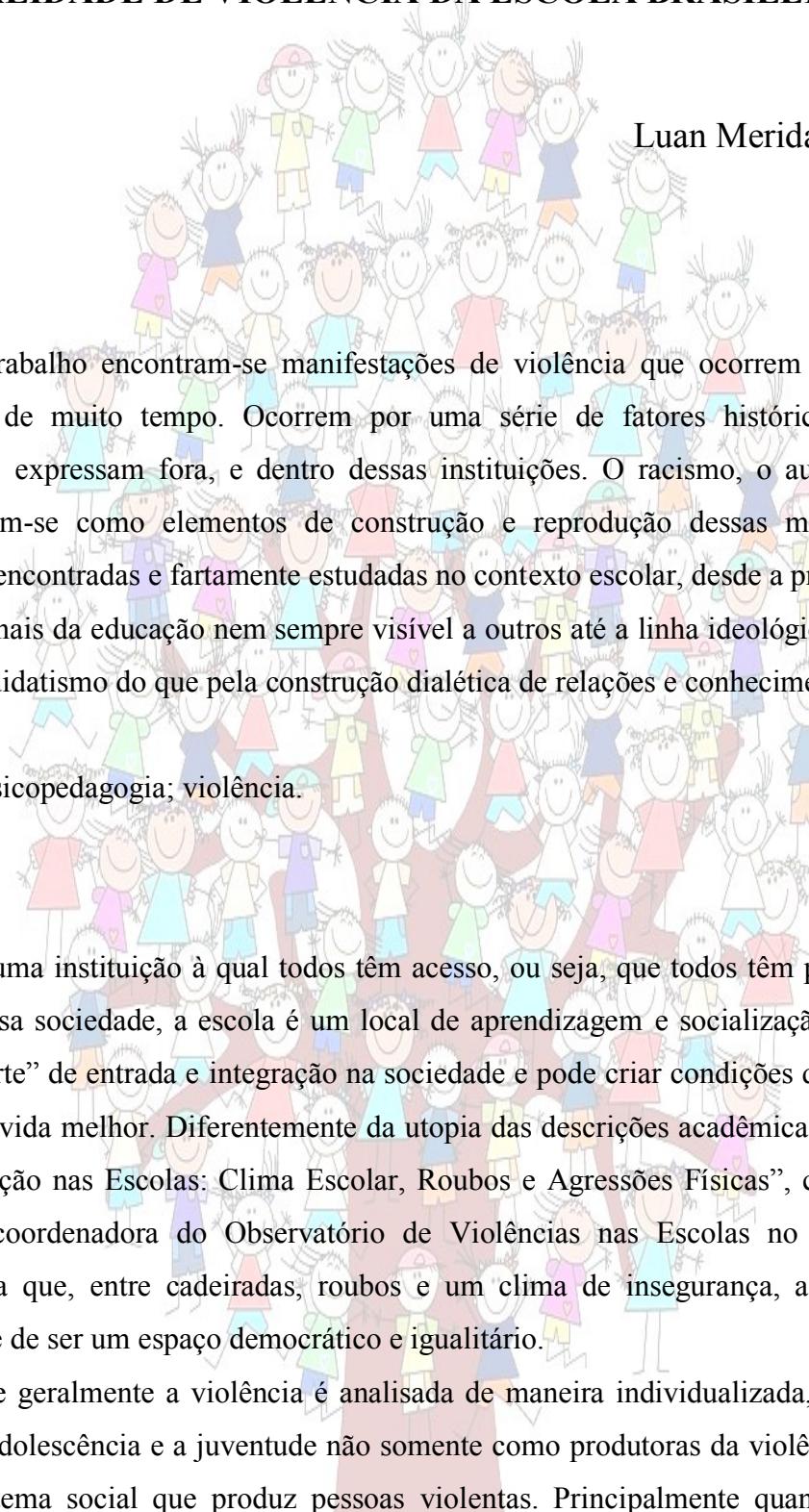
BULLYING COMO FORMA DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Maria Erlane Pereira Magalhães.....22

DIVERSAS MODALIDADES DE ATIVIDADES TEATRAIS

Maria Veroneide da Conceição de Sousa.....34

A REALIDADE DE VIOLÊNCIA DA ESCOLA BRASILEIRA



Luan Merida de Medeiros

RESUMO

Neste trabalho encontram-se manifestações de violência que ocorrem no interior das escolas, que vêm de muito tempo. Ocorrem por uma série de fatores históricos, culturais e econômicos que se expressam fora, e dentro dessas instituições. O racismo, o autoritarismo e o machismo, destacam-se como elementos de construção e reprodução dessas manifestações de violências, sempre encontradas e fartamente estudadas no contexto escolar, desde a prática individual de muitos profissionais da educação nem sempre visível a outros até a linha ideológica de livros que primam mais pelo didatismo do que pela construção dialética de relações e conhecimentos.

Palavras-chave: psicopedagogia; violência.

A escola é uma instituição à qual todos têm acesso, ou seja, que todos têm possibilidade de frequentar. Em nossa sociedade, a escola é um local de aprendizagem e socialização. Ela funciona como um “passaporte” de entrada e integração na sociedade e pode criar condições que possibilitem às pessoas ter uma vida melhor. Diferentemente da utopia das descrições acadêmicas, uma pesquisa chamada “Vitimização nas Escolas: Clima Escolar, Roubos e Agressões Físicas”, coordenada pela socióloga e vice coordenadora do Observatório de Violências nas Escolas no Brasil, Miriam Abramovay, mostra que, entre cadeiradas, roubos e um clima de insegurança, a escola pública brasileira está longe de ser um espaço democrático e igualitário.

Nota-se que geralmente a violência é analisada de maneira individualizada, mas pensamos que se deve ver a adolescência e a juventude não somente como produtoras da violência, mas como vítimas de um sistema social que produz pessoas violentas. Principalmente quando se estuda a violência juvenil ela aparece como um problema ligado à educação, percebido tanto em relação à escola quanto à cultura. Não há consenso entre os pesquisadores quanto as causas que produzem a violência nem mesmo quanto ao fenômeno em si. Isto confirma o pensamento de Arendt, na obra *A Condição Humana* (1987), de que os problemas da violência ainda permanecem obscuros.

Ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial. Na última edição da Encyclopédia de Ciências Sociais, a "violência" nem sequer merece menção. Isto indica o quanto a violência e sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e, portanto, desconsideradas; ninguém questiona ou examina o que é óbvio para todos. Aqueles que viram apenas violência nos assuntos humanos, convencidos de que eles eram 'sempre fortuitos' nem sérios nem precisos" (Renan), ou de que Deus sempre esteve com os maiores batalhões, nada mais tinham a dizer a respeito da violência ou da história. Quem quer que tenha procurado alguma forma de sentido nos registros do passado viu-se quase que obrigado a enxergar a violência como um fenômeno marginal (Arendt 1987, p. 16).

Segundo Mário Volpi, filósofo e mestre em políticas sociais, em entrevista dada à Folha de Londrina (25/11/2013, figura 3), quem produz a pessoa violenta é a própria sociedade. O adolescente deve ser considerado mais como vítima do que responsável direto pela violência. 9 O pensamento de Mário Volpi esclarece que a violência praticada pelos adolescentes revela falha no sistema educacional (nas escolas), na família e nas políticas públicas. A família desestruturada, como já alertara um dos adolescentes entrevistados, colabora para que uma atitude violenta se manifeste. A pouca ação de professores e da direção das escolas para coibir ofensas e provocações entre os alunos e até entre alunos e professores, também ajuda para o aumento do bullying escolar. A falta de políticas públicas e programas educativos manifestam a mesma tendência.

1 Essa violência é causada por fatores internos ou externos à escola?

Na maior parte das vezes, são fatores internos. A primeira causa da violência é a mudança que a própria escola sofreu. Agora, aumentou a possibilidade de acesso à escola por parte de jovens que não estavam estudando. Quando encontramos 97% dos jovens no Ensino Fundamental, a escola passa a não ser mais uma instituição de elite, com a qual professores e diretores estavam acostumados a lidar. É como se a cultura da rua, que nós chamamos de "cultura juvenil", tivesse entrado na escola. Arendt faz algumas considerações importantes sobre o tema da

violência. Considerando o processo histórico da mudança do privado para o público, caracteriza a violência como elemento pré-político ou anterior ao surgimento da pólis (Arendt 1987, p.36-40). Ao tratar do trabalho humano e do processo de reificação, constata a existência de elementos de violência no processo de fabricação: “o homo faber, criador do artifício humano, sempre foi um destruidor da natureza” (id, p.152). Ela relaciona violência com a deterioração do político e com a ausência de ação e de diálogo, expressões efetivas de poder (id, p. 212-216).

E como essa instituição continua pensando e agindo como antigamente, e os professores ainda são preparados da mesma forma, ela deixou de acompanhar a transformação pela qual passou. Ela não mudou na mentalidade, na forma de agir e não sabe o que fazer. Está perdida nesse processo. Dentro da escola, existe um comportamento de defesa, de desconfiança, de raiva. E isso se reflete nas relações interpessoais. Falta controle da escola e, fundamentalmente, diálogo.

2 Como a violência pode ser resolvida?

De acordo com a visão dos professores e dos alunos, a violência é o conjunto de incivilidades frequentes no cotidiano escolar, como agressões verbais e físicas, brincadeiras muito agressivas, humilhações, indisciplina exagerada e especialmente, ameaças. Com menor frequência apareceu um tipo específico de agressão, que é quando uma turma de alunos se reúne e bate em um colega, em geral no horário da saída da escola.

Para professores, alunos e administração, o cotidiano se apresenta caótico. É a ideia de caos que permanece, a impressão de que ‘tudo pode acontecer’, de que se vive ‘em uma selva’. Assim, os agentes escolares procuram resolver os eventos de violência como é possível a cada momento, sem conseguir distinguir os diferentes fatores presentes em cada caso e, portanto, sem propor um projeto de desestruturação das causas, ou seja, a prevenção. Procuramos aprofundar a discussão sobre as medidas tomadas na escola e a impressão de alunos e professores de que ‘a violência pode ser extinta desde que haja um trabalho desempenhado pela escola e que todos participem’.

Há uma configuração de fatores, e não podemos deixar de dizer que é um fenômeno social característico das relações contemporâneas. Do ponto de vista psicopedagógico, existem causas no funcionamento do estabelecimento, nas relações pedagógicas e nos modelos de resolução de conflitos. A escola precisa propor espaços e alternativas para a resolução dos conflitos intrapessoais, interpessoais e com a instituição. É também uma questão de aprendizagem, de conhecer formas saudáveis de lidar com as contradições.

3 Como desenvolver uma cultura para a paz e respeito

Em primeiro lugar é imprescindível estarmos atentos aos sinais, atentos ao que está ocorrendo. Não é preciso esperar que um aluno apareça armado para percebermos que há necessidade de intervir. A escola não pode deixar passar o clima de agressões frequentes apenas como se fosse ‘o jeito dos alunos’. Em linha gerais, tudo começa com o respeito ao professor como profissional. Em seguida, uma escola bem cuidada. A valorização do diálogo, o envolvimento dos educadores, e a aprendizagem como trabalho principal da escola, em suma, dar visibilidade para os esforços concretos de promover a aprendizagem.

O quadro que se apresenta quando falamos de violência no meio escolar é complexo. Não acreditamos que pensar em drogas ilegais como causa principal seja o melhor caminho. Entre os usuários, nem todos são necessariamente descontrolados e violentos. Mas é inegável que a hierarquia de poder, os valores mercantilistas e a violência (inclusive armas) que estão associados ao tráfico compõe uma situação assustadora. Neste sentido, as drogas podem ser um fator de agravamento da situação de violência, de sentimento de caos nas escolas. Sua ausência não garante, no entanto, a existência de respeito e diálogo. Nas escolas que pesquisei em 1997 em Florianópolis, as drogas não eram centrais na discussão sobre a violência. Os valores de certa parte dos jovens entrevistados é que apontavam um possível crescimento da presença das drogas para o futuro, através de uma identidade relacionada ao sentido da vida, às representações. Este é o problema maior: quando para a juventude, o trabalhador é o bobo e o herói é o bandido, é ele que tem o espaço na mídia, a atenção. Nesta perspectiva sai valorizada a droga, o individualismo, a competição, o consumo, o dinheiro.

Certamente a reflexão sobre a violência perpassa a questão sobre a liberdade. O ditado popular de que “a minha liberdade termina onde começa a do outro” pode mostrar que a violência é a invasão da liberdade alheia, pois a violência quer findar a liberdade do outro. Isto é comprovado nas consequências causadas nas vítimas. Como disse um adolescente:

A pessoa que sofre violência fica desanimada. Muitos ficam com medo de ir para escola e perdem o ano de estudo. Têm pessoas que se fecham e não quer mais conversar com ninguém. Tive um colega que vivia nervoso e só tirava notas baixas nas provas por causa disso (entrevista).

Os estudos parecem apontar para o fato de que quando a comunidade está presente na escola tomando decisões, gerindo e participando, os índices de violência, vandalismo e insegurança são

menores. É bem provável que as duas variáveis, ou seja, escolas bem cuidadas e participação da comunidade sejam concomitantes.

4 Violência e sociedade

Num qualquer dicionário de português, o termo violência é descrito como uma "qualidade ou estado do que é violento; força empregada contra o direito natural de outrem; ação que se faz com o uso da força bruta; crueldade; força; tirania; coação". Neste sentido, a violência significa obrigar a fazer algo, utilizando a força, a coagir alguém.

Desde sempre o Homem exerceu e foi alvo de violência. Recorde-se a bíblia que retrata uma série de crueldades das quais Jesus Cristo foi vítima; enforcamentos em praça pública; homens que lutavam até à morte nos coliseus para deleite da assistência; a Santa Inquisição que vitimou inúmeras pessoas, o nazismo e as excessivas guerras que povoam a história da humanidade.

Vários autores têm tentado explicar as causas deste fenômeno. Freud é da opinião que o Homem tem uma predisposição inata para a violência, nasce e cresce num ambiente violento, porque também a sociedade é violenta.

Anna Freud alude ao fato de o equilíbrio interno ser perturbado, da personalidade, do meio onde se inserem. Estudos realizados a delinquentes comprovaram que graves distúrbios da socialização acontecem quando a identificação com os pais é desintegrada através de separações, rejeições e outras interferências com os vínculos emocionais existentes entre a criança e as figuras parentais. Reforça ainda que o cidadão normal, perante a lei, perpetua a posição infantil de uma criança ignorante e complacente, em face aos seus pais oniscientes e onipotentes. O delinquente perpetua a atitude da criança que ignora ou menospreza, ou desobedece à autoridade parental e atua em desafio desta.

Durkeim é da opinião que a densidade demográfica, os desenvolvimentos econômico, social e cultural de uma sociedade fomentam as desigualdades e consequentemente os desvios à norma.

Por outro lado, Arregi Goenaga é da opinião que avançando no caminho da igualdade, da solidariedade, pode a sociedade observar um decréscimo da violência em geral.

As crianças assistem a desenhos animados televisivos nas quais as personagens utilizam a violência para conseguir os seus intentos, por vezes são atos nobres tais como salvar um amigo em perigo ou para salvar o planeta. O poder de sedução da televisão e a capacidade de imitação das crianças formam uma cumplicidade que pode atuar perigosamente na formação cognitiva destas. Neste sentido, Pino Juste é da opinião que para estas crianças a violência é "algo normal", utilizando-a como "arma quando consideram que ela é eficaz para conseguir os seus propósitos".

Qualquer indivíduo é passível de exercer atos de violência, uma vez registrada uma ruptura com a normalidade. No entanto, num indivíduo que não tenha patologias associadas, após a ruptura, retorna ao estado de calma e é resposta a sua normalidade interior.

A violência pode ser revestida de diversas formas, mas num sentido restrito, pode ser definida como uma ruptura brusca da harmonia num determinado contexto, podendo ser sob a forma de utilização da força física, psíquica, moral, ameaçando ou atemorizando os outros.

A violência pode igualmente ser considerada de âmbito público ou de âmbito privado. A primeira é mais visível, influí e distorce a imagem da sociedade. É a que mais preocupa o Estado, pois é geradora de polêmica. A segunda é mais recôndita, como é o caso da violência familiar, com o cônjuge ou com os descendentes.

A violência pode ainda ser de gênese estrutural ou de gênese conjuntural, sendo que a primeira afeta uma parte significativa da população e várias instituições. A violência estrutural é congênere a uma doença crônica, pois é instalada numa parte da sociedade e vai criando metástases por toda a sociedade. A sua cura reside numa planificação eficaz, coordenada entre as instituições para solucionar a problemática em questão. A violência conjuntural registra-se em momentos ocasionais e mesmo que não se vislumbre uma solução, com o passar do tempo é esmorecida. Os motins de população descontentes com as postagens ou traçados de autoestradas são exemplos de violência conjuntural.

No fundo, os atos violentos estão sustentados por valores, crenças, sobre o bom e o mau de uma ação que força o indivíduo a operar de acordo com essa convicção.

5 Violência e escola, diferentes manifestações

As diferentes manifestações de violência urbana vêm adquirindo cada vez maior importância e dramaticidade na sociedade brasileira, especialmente a partir da década de 1980. Muitas são as suas expressões, os sujeitos envolvidos e as consequências. O frequente envolvimento da população infantil e juvenil com essa realidade ocupa, de maneira crescente, as páginas dos jornais e o tempo nos noticiários de rádio e TV. No entanto, apesar do grande interesse da mídia e da sociedade em geral pela problemática da violência urbana, as questões referentes às relações entre violência e educação ainda estão pouco estudadas. Essa problemática tem muitas implicações do ponto de vista da prática educativa e as suas diferentes manifestações no espaço escolar têm preocupado, de forma especial, pais e educadores.

Tendo como ponto de partida a convicção de que a violência na escola não pode ser analisada como um fenômeno isolado, pois é parte de um processo mais amplo que diz respeito ao contexto

social como um todo, assumimos a tarefa de desenvolver uma pesquisa no âmbito escolar sobre o fenômeno da violência no cotidiano das salas de aula, com a finalidade de compreender como os professores e professoras se situam diante dessa questão. Procuramos identificar as diferentes formas de violência presentes no cotidiano escolar visando contribuir para uma reflexão que favoreça a construção de estratégias pedagógicas que permitam trabalhar essa problemática no dia-a-dia das escolas.

A pesquisa foi sendo progressivamente construída a partir de três eixos estruturadores: a compreensão das diferentes maneiras de conceituar a violência e seu caráter multicausal e plural; o aprofundamento teórico da problemática da violência no cotidiano escolar e, finalmente, a pesquisa de campo, na qual foram entrevistados professores e professoras das redes públicas, situadas em áreas reconhecidamente assoladas pela violência ou que recebem alunos e alunas que vivem em locais com tal característica.

A metodologia da pesquisa de campo, de caráter qualitativo, constou, principalmente, de entrevistas semiestruturadas com professores e professoras de escolas públicas, localizadas na zona do Grande Rio, em locais onde a violência é parte do contexto em que vive a comunidade escolar. Foram entrevistados seis professores e vinte e cinco professoras que atuam no ensino fundamental. Estas entrevistas seguiram um roteiro, contendo questões abertas que abordaram, fundamentalmente, três aspectos: em primeiro lugar buscou-se saber sobre a maior incidência ou não da violência na escola nos dias de hoje, suas manifestações e causas. Um segundo aspecto abordado nas entrevistas se referiu às principais dificuldades sentidas pelos professores e professoras para o enfrentamento das expressões de violência. Finalmente, procurou-se conhecer as formas encontradas por esses profissionais para lidar com as situações de violência no cotidiano escolar. Houve ainda um espaço para depoimentos livres sobre as relações entre violência e escola.

6 Concepções de violência

Observa-se hoje uma crescente preocupação da sociedade brasileira com o fenômeno da violência urbana. No entanto, quando se busca definir o que se entende por violência, é possível observar que são muitas as concepções que se têm deste fenômeno. Inúmeras vezes, identifica-se violência com criminalidade e/ou agressão física. Essa é a dimensão que ganha cada vez mais espaço nos jornais e noticiários de rádio e TV. Outras vezes, observa-se uma abordagem tão abrangente do fenômeno, que as ações consideradas como manifestações de violência se ampliam significativamente, podendo incluir desde simples conflitos de opinião até assassinatos. No presente

trabalho, utilizaremos como referência fundamental a contribuição de Jurandir Freire, quando afirma que:

Violência é o emprego desejado de agressividade com fins destrutivos. Agressões físicas, brigas, conflitos podem ser expressões de agressividade humana, mas não necessariamente expressões de violência. Na violência a ação é traduzida como violenta pela vítima, pelo agente ou pelo observador. A violência ocorre quando há desejo de destruição.

Nesse sentido, o que seria a marca constitutiva da violência é a tendência à destruição, ao desrespeito e à negação do outro, podendo a ação situar-se no plano físico, psicológico ou ético.

No âmbito da sociedade brasileira têm sido cada vez mais preocupantes os níveis de complexificação e banalização da violência. Uma das vertentes mais trabalhadas nos estudos sobre o tema é, sem dúvida, a sua relação com a desigualdade social, ou seja, a sua dimensão estrutural. No entanto, a pobreza e suas consequências, o desemprego, a desigualdade social e a corrupção, não constituem os únicos fatores determinantes da violência e não explicam a perda dos referenciais éticos que sustentam as interações entre grupos e indivíduos.² Observa-se, hoje, uma sociedade marcada por uma forte "anorexia moral", que se reflete no descompromisso, causado pelo sentimento individual de apatia em relação à vida social, na ausência de utopias, na perda do sentido de viver, na falta de solidariedade, na

É necessário ressaltar que estudos que têm procurado compreender a problemática da violência no âmbito urbano estão acenando para perspectivas que vão além dessas, já assinaladas. Pode-se afirmar que a compreensão desse fenômeno depende tanto da percepção de fatores estruturais, como a crise econômica, a miséria e o empobrecimento, quanto do complexo de mediações materiais e culturais que envolve a violência e que se expressa através da quebra dos laços de solidariedade na sociedade e da crise das relações sociais tradicionais.

ausência de parâmetros definidos sobre o que é certo e errado. É possível constatar que a difusão, na sociedade atual, de valores individualistas significou um enfraquecimento nas formas tradicionais de relacionamento.

Outra ordem de fatores que está presente na tentativa de compreensão do fenômeno da violência, diz respeito ao debilitamento do interesse dos indivíduos em aderirem à ordem "civilizada". Podem-se identificar dois fatores que vêm contribuindo para isto. Em primeiro lugar, está o debilitamento do próprio modelo. Observa-se, hoje, uma política mundial centrada no mercado, que propõe um enfraquecimento do Estado, no que se refere à garantia de direitos sociais para a maioria da população e, segundo Peralva, "quando a ordem se fragmenta... o interesse desaparece". Em segundo lugar, a adesão a uma ordem está associada aos ganhos que essa adesão pode proporcionar. Numa sociedade, como a nossa, marcada pela exclusão social, aumenta a

distância entre as expectativas do indivíduo e a realidade. Como afirma Cardia, cresce o fosso entre as aspirações e as expectativas de mobilidade social e o que pode efetivamente realizar em uma sociedade que valoriza muito o sucesso econômico e que vê nesse sucesso a única forma de garantir a vivência de direitos e assim atingir a cidadania.

7 A desvalorização da escola e dos profissionais

Observa-se hoje uma crescente preocupação de pais e educadores com as variadas expressões da violência no interior das escolas, tais como: a interferência e a presença do narcotráfico no cotidiano escolar, a depredação dos prédios e materiais escolares, as brigas e agressões entre alunos/as e entre estes/as e os adultos que trabalham nas escolas e a violência familiar, que apesar de estar localizada, quase sempre, fora dos muros escolares, interfere significativamente no trabalho que aí se realiza.

A escola, que podia ser caracterizada como "um espaço definido por fronteiras, no interior do qual um governo central era exercido" Peralva, não corresponde mais a essa imagem. Mudou a escola e mudou o professor.

Antigamente, há vinte anos atrás, a escola tinha um respeito da comunidade muito maior, havia um respeito maior ao ambiente da escola, às pessoas dentro da escola. E hoje em dia, não. E isso daí passa pela desvalorização da escola e dos profissionais da educação.

"A escola era vista enquanto instrumento de ascensão social, o professor possuía *status* como mediador dessa ascensão, a escola era fonte privilegiada de informações".

Nos últimos anos temos vivido uma reversão desse quadro. No que se refere à formação desses profissionais, por exemplo, observamos que, por um lado, a democratização do ensino fundamental e médio provocou um aumento efetivo do número de vagas nesses níveis e a necessidade urgente de profissionalização de professores, nem sempre bem conduzida; por outro lado, a ampliação das oportunidades de educação superior, mudou as "expectativas dos formandos que, antes, preparavam-se para uma vida dedicada ao magistério". Estas transformações tiveram como efeitos visíveis o esvaziamento e a fragmentação na formação dos professores, a diminuição drástica nos salários, o profundo mal-estar presente nos meios educacionais, a desvalorização da educação e do magistério e acabaram por gerar uma grave crise de identidade da escola. Todos esses fatores, ao lado do baixo investimento do Estado no setor educacional e da falta de políticas educacionais voltadas para uma real democratização da escola, levam-nos a crer que essa expansão quantitativa não foi acompanhada de um equivalente aperfeiçoamento qualitativo.

Essa realidade evidencia um enfraquecimento do papel da escola na sociedade. Contudo, a expectativa de muitos pais e alunos continua sendo a de que a escola proporcione às crianças e aos jovens o acesso a uma "vida melhor"³, através de suas funções clássicas: a transmissão dos saberes historicamente construídos e de uma disciplina que lhes seja útil para o desempenho de uma profissão no futuro.

Esse discurso enfrenta, no entanto, sérias contradições. Se de um lado, no imaginário popular, a escola "promete" ascensão social e respeitabilidade, de outro, a realidade desmente essa promessa. Segundo Paiva, "a idéia de que maior escolaridade assegura empregos e melhores salários convive com a percepção empírica de que isto nem sempre acontece".

A crise de identidade da escola é reforçada quando se conjuga a ela a crise nos modelos de comportamento, que, como afirmamos anteriormente, caracteriza nossa sociedade atual e afeta, também, o trabalho que se realiza no interior da escola.

A maioria dos professores que participaram desta pesquisa considera que a violência está mais presente nas escolas, hoje, que em outras épocas e afirma já ter vivenciado situações de violência no cotidiano escolar. Esses profissionais apontam ainda que, além dessas situações por eles/as vivenciadas, a violência entra no espaço escolar e, em especial, na sala de aula, através dos diversos relatos de situações de violência urbana vividas ou presenciadas pelos alunos e alunas.

8 Diferentes formas de violência no cotidiano escolar

Aprofundando essa questão, procuramos identificar as diferentes formas de violência presentes no cotidiano das escolas onde realizamos a pesquisa, confrontando-as com aquelas analisadas por pesquisadores que têm trabalhado essa problemática. As brigas e agressões entre alunos. Esta forma de violência é, sem dúvida, a mais presente nos relatos dos educadores entrevistados. Estes ressaltam que as agressões se dão por motivos banais ou mesmo sem um motivo aparente. Começam na sala de aula: rixas, bobeiras entre adolescentes. Aí reverte em se pegar lá fora.

O desrespeito entre eles, o preconceito que eles têm em relação à raça, à estética... à manifestação do outro. Isto é uma violência muito grande e que eles não percebem que é uma violência. Roubos, insultos, brigas, exploração dos mais novos pelos mais velhos são atos que, de tão frequentes no cotidiano escolar, acabam por serem banalizados e/ou tidos como manifestações "normais" da idade ou da condição sócio cultural e econômico do jovem.

Segundo comentários de Waléria Fortes de Oliveira e Marcelo Rezende Guimarães a respeito de estudo sobre violência e juventude no Brasil,

As análises sociais divulgada pelos meios de comunicação têm privilegiado a adolescência e a juventude como momento de produção da violência, como agressora, destacando seu envolvimento com a delinquência e a criminalidade, com os tráficos de drogas e armas, com as torcidas organizadas, com os espetáculos musicais nas periferias das grandes metrópoles (Oliveira & Guimarães 2009, p.3).

A violência entre alunos constrói-se em torno de duas lógicas complementares: de um lado, encenação ritual e lúdica de uma violência verbal e física; de outro, engajamento pessoal em relações de força, vazias de qualquer conteúdo preciso, exceto o de fundar uma percepção do mundo justamente em termos de relações de força. Nos dois casos, o que está em jogo é a construção e a autorreprodução de uma cultura da violência.

Esta cultura da violência não pode ser desvinculada de alguns fatores que têm caracterizado nossa sociedade, nos últimos anos. "O intensivo processo de urbanização, o desenraizamento cultural, afetivo e religioso, a acelerada industrialização, a concentração de renda, o desemprego, os altos índices de consumo e a crise na ética", entre outros fatores, têm contribuído para a construção de uma sociedade apática em relação aos problemas sociais, individualista, pouco solidária e sem modelos definidos de comportamento social. Todos esses fatores constituem os sintomas de um processo mais amplo, identificado por Peralva como uma crise no processo civilizatório.

No interior da escola, essa cultura da violência pode ainda surgir como uma forma não explícita de resistência ao julgamento escolar e à situação de isolamento que, algumas vezes, caracteriza o trabalho pedagógico. Não raro, o sistema escolar, através de uma prática que privilegia o desempenho individual, coloca o sujeito, seja professor ou aluno, em uma situação de solidão e competição, que pode reforçar aquele modelo de sociedade que se tem desenvolvido nos últimos anos.

As agressões entre alunos e adultos.

Destacam-se aqui as agressões e ameaças a professores feitas por alunos e as agressões verbais, físicas ou psicológicas, sofridas pelos/as alunos/as por parte dos profissionais que atuam nas escolas.

Sabemos de casos de professores que foram ameaçados por alunos. Teve uma professora que sofreu ameaça e ela tentou reagir para acabar com o problema ali na hora. Tentaria levar para o lado sem violência, também não vou peitar ninguém.

A gente encontra colegas que dizem que o aluno não é capaz, que ele é um incompetente, que ele é burro. Para mim é uma forma seríssima de violência. O professor que está lá na frente e não está nem aí para o aluno, está sendo violento com ele, não está proporcionando aquilo que a escola pode dar. Até eu também, às vezes sou violento, confesso isso, porque você também está no meio, também sofre violência, então eu também sou passível disso. É complicado, mas nessa complicação, nós temos que dar as mãos para fazer um trabalho de conscientização.

Observa-se que, para os adultos, estas manifestações de violência podem estar relacionadas com a falta de "competência relacional" do profissional que atua nas escolas e com o fracasso na formalização dos papéis do professor e do aluno. Assim, a violência do aluno manifesta-se sob a "forma de um transbordamento de estratégias de gestão de conflitos, pouco eficazes, quer sejam aquelas que se referem diretamente à idéia de competência.

No nível mais específico de atuação, que se refere ao trabalho que se realiza no interior da escola, os professores/as indicaram vários caminhos para se enfrentar com determinação os desafios de superar a violência escolar, tais como: o "resgate do aluno" como sujeito do processo educativo, o cuidado com o espaço físico e com as condições materiais da escola, as práticas participativas e de diálogo nas diferentes instâncias escolares, da sala de aula aos conselhos de escola, os espaços sistemáticos de reflexão coletiva dos professores sobre a prática educativa e seus problemas concretos, a intensificação das relações entre as famílias e a escola, o bom relacionamento interpessoal entre professores e alunos, a realização de atividades extra classe, como esporte, teatro, excursões, grupos de música, o estímulo à participação dos alunos e alunas em diferentes órgãos e atividades da escola e a integração da escola na dinâmica comunitária.

Cabe ressaltar aqui a importância do diálogo, como principal estratégia apontada pelos/as professores/as no enfrentamento da violência e de se voltar o trabalho pedagógico para a construção de um ser social dotado da capacidade de falar. A linguagem, assim concebida, constitui um importante instrumento de sobrevivência e de luta para a transformação da sociedade. Para Freire, "não dominar as formas elitistas só faria com que fosse mais difícil para eles⁵ sobreviverem na luta". Algumas experiências têm mostrado que a aquisição de confiança na palavra, pode substituir os atos violentos pela comunicação. Nesse sentido, o diálogo pode ser considerado como instrumento privilegiado para diminuir manifestações não verbais de violência. Dar voz aos estudantes, discutir com eles/as sobre suas próprias expectativas, desvendar os ingredientes ideológicos da tarefa educacional, desenvolver formas participativas de construção de normas são fatores que podem contribuir significativamente para a construção de um ser social capaz de falar, de respeitar, de lutar pela transformação da sociedade. Finalmente, queremos destacar que, para se enfrentar uma cultura

da violência, é necessário trabalhar por uma cultura e educação que enfatize os valores sociais e humanos, a ética e a solidariedade.

9 A construção da cidadania

A construção democrática é, pois, o imaginário social que se formulou como novidade e busca de autonomia na Constituição, que, ao menos quanto à cidadania e à dignidade da pessoa humana, começou a consolidar no processo a dimensão coletiva e solidária para a determinação de seu espaço civil.

Por isso se diz que a democracia designa o sentido de permanente ampliação dos espaços de emergência de novas liberdades e novos direitos, como obra inconclusa. Na alusão à fórmula Estado democrático de direito, pois, o que se deve ter em mente é assinalar os estágios de superações necessárias para acentuar, na etapa corrente, a exigência de novas concepções de justiça capazes de assegurar, através do exercício da democracia, a criação permanente de direitos novos no processo de reinstituição contínua da sociedade.

Nessa medida, quando se coloca a questão de saber o que a nação esperava da Constituinte em relação ao tema da cidadania, não há como resolvê-la, senão avaliando as condições pelas quais se postula a construção de uma sociedade alternativa que seja a expressão da legitimidade recuperada através do roteiro histórico das lutas sociais do homem pela sua condição de cidadania. Lembrando a afirmação do filósofo Castoriadis, se "uma sociedade justa não é uma sociedade que adotou leis justas de uma vez por todas, mas sim uma sociedade onde a questão da justiça permanece constantemente aberta", a capacidade de reivindicar direitos orienta, nessas condições, a construção social da cidadania, enquanto as classes e grupos sociais espoliados e oprimidos definem a sua representação, a sua participação e instauram, na sociedade, a dimensão geral da liberdade como expressão da liberdade fundamental de todo ser humano, isto é, a possibilidade de superação da exploração e da opressão do homem pelo homem. Em outras palavras, uma sociedade que possa ser a resultante da prática democrática que abre espaços de expressão, contestação e negociação no âmbito da política e do poder e que seja capaz de incorporar permanentemente processos sociais novos, desenvolvidos na experiência da cidadania.

A Constituição afinal promulgada, diferentemente de conjunturas anteriores, não resultou mais uma peça da retórica tradicional, camuflando sob a aparência de direitos o elenco diferido a programas "realistas", adiando reivindicações sociais acumuladas. Por essa razão, a luta tremenda de

novo travada, nesse processo agora designado reformista, cujo sentido político evidente é o de desconstitucionalizar processos sociais novos e direitos inéditos conquistados.

O certo é que o fio condutor da participação popular começou a divisar um projeto de organização de direitos e liberdades fundamentais, de instrumentos e de mecanismos eficazes para a garantia desses direitos e liberdades básicos e, sobretudo, a constituir os novos sujeitos, autores autônomos desse processo.

Diante de todo esse cenário, após passar por várias mudanças políticas, econômicas, culturais, entre outras, se faz necessário pensar alternativas que possibilitem alguma reversão no papel do Estado para além de construir um orçamento equilibrado, sem sofrer a punição dos mercados mundiais, que em fração de segundos podem quebrar com pessoas, empresas e nações em qualquer parte do mundo.

Neste contexto é imprescindível o fortalecimento dos blocos periféricos para conseguir maior equidade ou se contrapor aos blocos hegemônicos nestas esferas econômicas globais. Procurando a eficiência das administrações públicas, desburocratizando-as e aumentando os mecanismos de transparência destas e os mecanismos de controle popular.

Há muitas defesas à constituição de partidos mundiais mais democráticos, que defendam a racionalidade coletiva e construa uma liberdade mais igual para todos.

10 Uma escola sem violência

Aprender a lidar com o desconhecido, com o conflito, com o inusitado, com o erro, com a dificuldade, transformar informação em conhecimento, ser seletivo e buscar na pesquisa as alternativas para resolverem os problemas que surgem são tarefas que farão parte do cotidiano das pessoas.

As reflexões feitas através de um diálogo aberto com os alunos revelaram que o problema merece mais seriedade por parte de todos (alunos, professores, direção do colégio, funcionários e familiares) e ninguém está isento dessa discussão, mesmo porque interessa a todos.

Começamos a pensar o porquê de colegas quererem estragar o patrimônio da escola, rabiscar paredes, não se preocupar com as coisas do colégio, que também são nossas. Achávamos que o problema é dos outros e nunca iríamos poder fazer nada. Agora sabemos que depende de nós uma mudança de comportamento. Podemos fazer pouco, mas podemos fazer alguma coisa. A violência não deve ser aceita como natural, “é assim mesmo e pronto”, é preciso procurar as causas para evitar os efeitos (entrevista).

A escola, no cumprimento da sua função social, deverá desenvolver nas crianças e jovens que nela confiam a sua formação, competências e habilidades para prepará-los para agir conforme as exigências da contemporaneidade.

Como não há como se distanciar desta realidade, todos os profissionais da educação sentem a necessidade de refletir sobre suas ações pedagógicas no que diz respeito a conhecer e reconhecer a importância do sujeito da aprendizagem, a entender o que pode facilitar ou impedir que se aprenda.

Auxiliando professores e todos aqueles envolvidos com a questão do aprender, surgiu a Psicopedagogia, ciência nova que se destina a buscar as causas dos fracassos escolares e resgatar o prazer de aprender numa visão multidisciplinar, podendo orientar as instituições escolares e seus professores e atender a pais e alunos na perspectiva de transformar as relações com o aprendizado.

No decorrer deste artigo, práticas serão sugeridas para facilitar o trabalho do educador e elucidar a ação do psicopedagogo na tentativa de resgatar na criança e no jovem o prazer de aprender, o prazer de conhecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos, contudo, situações difíceis nas escolas de violência nas escolas, cujo estudo interfere em muito na psicoaprendizagem. Todos os comportamentos agressivos e antissociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, brigas e xingamentos no universo escolar. Claro que muitos fatores dependem de situações externas, cujas intervenções estão além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus funcionários. Porém, para muitas situações, a solução possível pode ser obtida no próprio âmbito escolar.

Acredito que estes fatos assombrosos devem nos fazer questionar muito mais do que a educação formal, devem nos levar a pensar no mundo que nós estamos construindo. Com algumas pesquisas mostramos que: “O homem deixou de ser o valor principal e em seu lugar está o consumo, o dinheiro. Estes valores servem tanto para nossa sociedade quanto para o primeiro mundo”.

A violência psicológica, emocional ou moral não adquire tanto destaque, embora seja muito frequente. Segundo o Texto Base da Campanha da Fraternidade 2009 da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil):

A questão da violência deve ser analisada a fundo, seja para compreendê-la no plano teórico, seja para conhecer como ela acontece na prática. É comum, quando se fala de violência, que se tenha em mente a violência da criminalidade. Porém é preciso atinar para o fato de que, da mesma forma como podemos sofrer a violência, podemos também ser agentes ou causadores dela. Melhor falar em violências (Texto Base 2008, p.47).

A violência protagonizada pelos jovens nas escolas é uma realidade inegável. A sociedade terá que se organizar e insurgir-se ativamente contra este fenômeno. De igual modo, a escola terá que ajustar os seus conteúdos programáticos e acercar-se mais às crianças. Devido às exigências, as famílias muitas vezes destituem-se da sua função educativa, delegando-a à escola. No meio de toda esta confusão, estão as crianças, que, atuam conforme aquilo que observam e agem consoante os estímulos do meio. Meio esse que por vezes oferece modelos de conduta e referências positivas questionáveis.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio, Violência: um retrato em branco e preto-In Revista Ideias-nº 21-FDE-SP-1994.

ALVAREZ A, LEMOS IC. Os neurobiomecanismos do aprender: a aplicação de novos conceitos no dia-a-dia escolar e terapêutico. Rev. Psicopedagogia 2006;23(71):181-190

BENCZIK, E.B.P. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: atualização diagnóstica e terapêutica: um guia de orientação para profissionais. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2000. 110 p.

BENEVIDES, Maria Vitória- A Violência é Coisa Nossa. A Violência no Esporte - vários autores-Secretaria. da Justiça e da Defesa da Cidadania, SP-1996

CATURANI, A.B. e WAJNSZTEJN, R. Neurologia: uma visão multidisciplinar na aprendizagem. São Paulo: Olavobrás, 1999.

CARDIA, N. A violência urbana e a escola. Contemporaneidade e educação. Rio de Janeiro, ano II, n. 2, IEC, 1997.

CYPEL, S. O papel das funções executivas nos transtornos de aprendizagem. Artmed: Porto alegre, 2006.

DAVIS, R.D. O dom da dislexia. São Paulo: Rocco, 2004.

FAZENDA, I. Interdisciplinariedade: um projeto em parceria. 4^a ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FONSECA, V. Dificuldades de aprendizagem não verbais. Infanto – Revista de neuropsiquiatria da infância e adolescência, vol. 9 número 02, agosto, 2001.

FREIRE, P. Ousadia e medo: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREUD, Anna (1987). Infância normal e patológica (determinantes do desenvolvimento). 4^a Ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.

GOSWAMI, U. A neurociência e a educação: da pesquisa à prática? Nature Neuroscience Reviews 7, p. 406-413, maio 2006. Disponível em: <http://www.nature.com/nrn/journal/v7/n5/abs/nrn1907.html>. Acesso em: 3 abr. 2011

KANDEL, E; SCWARTZ, J; JESSEL, T. Fundamentos da neuriciência e do comportamento. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

LURIA, A. R. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Edusp, 1998.

MALUF, M. e RELVAS, M.P. Neuropsicologia e aprendizagem: para viver melhor. Ribeirão Preto: Tecmed, 2005.

OLIVEIRA, G.G. Neurociências e os processos educativos: um saber necessário na formação de professores. Educação Unisinos 18(1):13-24, janeiro/abril 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/viewFile/edu.2014.181.02/3987>

RATO, J.R.; CALDAS, A.C. 2010. Neurociências e educação: realidade ou ficção? In: SIMPÓSIO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA, VII, Barbacarena, 2010. Actas.... Barbacarena, p. 626-644.

RELVAS, M. P. Neurociência e transtornos de aprendizagem: as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2011.

SILVA, Aida Monteiro-A Violência na Escola: a percepção dos alunos e professores-1995.

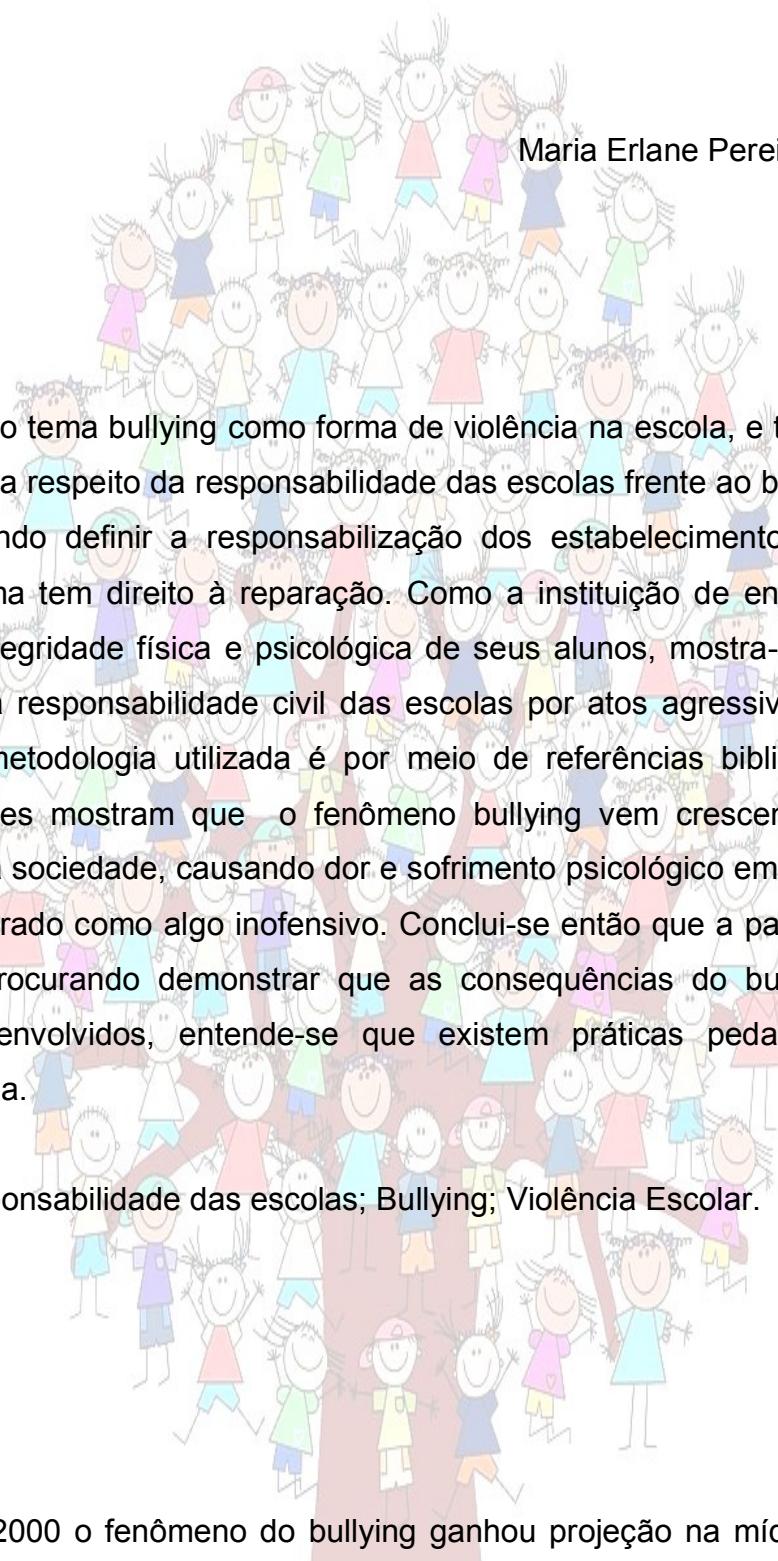
SNOWLING, M; STACKHOUSE, J. Dislexia, fala e linguagem. Porto Alegre: Certmed, 2004.

TELLES, Violência e Cidadania no Esporte, vários autores-Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, SP-1996

VELHO, G. e Alvito, M. Cidadania e violência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Editora FGV, 1996.

_____. Fundamentos biológicos da educação: despertando inteligências e afetividade no processo de aprendizagem. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2009.

BULLYING COMO FORMA DE VIOLENCIA NA ESCOLA



Maria Erlane Pereira Magalhães

RESUMO:

Este trabalho tem como tema bullying como forma de violência na escola, e tem o objetivo de examinar e discutir a respeito da responsabilidade das escolas frente ao bullying sofrido por um aluno, buscando definir a responsabilização dos estabelecimentos de ensino, mostrando que a vítima tem direito à reparação. Como a instituição de ensino, tem por dever resguardar a integridade física e psicológica de seus alunos, mostra-se importante debater a natureza da responsabilidade civil das escolas por atos agressivos cometidos por seus alunos. A metodologia utilizada é por meio de referências bibliográficas. Os resultados e discussões mostram que o fenômeno bullying vem crescendo de forma desenfreada em nossa sociedade, causando dor e sofrimento psicológico em suas vítimas, não podendo ser encarado como algo inofensivo. Conclui-se então que a partir da análise do comportamento, procurando demonstrar que as consequências do bullying escolar afetam a todos os envolvidos, entende-se que existem práticas pedagógicas para combater essa violência.

Palavras-chave: Responsabilidade das escolas; Bullying; Violência Escolar.

INTRODUÇÃO

Na década de 2000 o fenômeno do bullying ganhou projeção na mídia nacional e internacional, sendo largamente difundido nos meios digitais, com a criação de inúmeros sites na internet sobre a temática – a palavra bullying retorna no buscador Google cerca de 12 milhões de páginas, sendo que apenas 2,5% delas são de sites em língua portuguesa. No Brasil o fenômeno é objeto de poucos estudos e, apenas recentemente, uma pesquisa

nacional promovida pelo Ministério da Educação.

Abordou o tema, ainda que de forma indireta. A utilização do conceito apresenta algumas fragilidades. O próprio termo bullying causa estranhamento nos ambientes acadêmico e escolar, por se tratar de uma importação pouco adaptada às questões próprias da violência no ambiente escolar brasileiro.

Como resultado, o bullying ainda não se encontra diferenciado no fenômeno geral de violência entre pares, e os critérios que tecnicamente o destacam, que se referem à repetição do ato à falta de motivação evidente, são de difícil aferição objetiva. Nesse sentido, sua operacionalização conceitual exigiria uma consistência ainda não atingida. Por essa razão, o termo, que não tem correlato em português, é utilizado muitas vezes de modo equivocado, referindo-se a episódios de conflitos interpessoais entre estudantes, os quais não se caracterizam pelos critérios indicados.

No entanto, sua prática é imediatamente reconhecida e associada a episódios de maus tratos na escola, fenômeno presente e conhecido de todos. Há, portanto, grande dificuldade em diferenciar o bullying de outras formas generalizadas de relações agressivas entre os alunos, em especial entre os adolescentes. Dessa forma, optou-se por se utilizar, ao longo da realização da pesquisa, o termo maus tratos para se referir aos atos violentos entre os estudantes fossem eles de natureza física, verbal, psicológica ou sexual.

Este estudo procura identificar e dar luz aos episódios de violência e maus tratos entre pares no ambiente escolar, que, como se verá, traduzem uma cultura contemporânea em que as formas de relação social merecem novos cuidados, em especial dos gestores da educação. Através de dados quantitativos e qualitativos, este estudo buscou conhecer as situações de violência entre pares e de bullying em escolas brasileiras.

A metodologia empregada para sua elaboração foi a pesquisa bibliográfica, ou seja, revisão da literatura, análise e compilação. Assim a pesquisa foi realizada a partir de buscas na literatura de obras referentes às temáticas: bullying, violência escolar, responsabilidade civil, estabelecimentos de ensino. De vital importância para a realização do estudo proposto, no sentido de formulações pessoais de conceitos e esclarecimentos, foram as opiniões expostas em livros, revistas, artigos e estudos publicados, inclusive na Internet.

Casos de violência nas escolas brasileiras são denunciados toda semana. Infelizmente, o problema não é a hipérbole criada pela mídia, mas a realidade que milhares de professores de escolas públicas e privadas enfrentam todos os dias.

Entre os casos de violência mais frequentes, podemos citar as ameaças de alunos a

professores, principalmente quando se trata de maus resultados escolares. Nem sempre uma nota abaixo da média é vista como um alerta para o aluno melhorar e estudar mais: para muitos alunos, a nota é vista como uma transgressão pessoal. Alguns permanecem em confronto verbal, outros partem por agressão física ou danos à propriedade do professor, principalmente carros (pneu furado é o relato mais comum). Saquear o patrimônio escolar e invadir salas também fazem parte da extensa lista de atitudes violentas no ambiente escolar. No entanto, o tipo de violência mais comum é entre os próprios alunos.

Embora a violência física seja muito mais manchete, é a violência moral que mais assusta os professores em todos os níveis de ensino, do jardim de infância à universidade. Xingamentos, gestos obscenos, perturbação, indisciplina. Problemas que atrapalham o andamento das atividades pedagógicas e as relações dentro da escola. Casos de bullying - violência moral entre os próprios alunos - também chocam educadores e familiares, chegando a atravessar os muros da escola e entrar em um ambiente virtual onde situações incômodas envolvendo alunos podem ser acessadas por qualquer pessoa.

Identificar as causas da violência escolar é uma tarefa desafiadora que requer muitas informações, estatísticas, pesquisas e até suposições. Possíveis fontes de violência incluem, entre outras, problemas familiares e de relacionamento, baixa autoestima, falta de segurança, drogas, baixo envolvimento dos familiares, exclusão social. De fato, as situações de violência no ambiente escolar refletem os problemas sociais e o clima violento presente no país e no mundo.

Porém, sabe-se que a solução para a violência não está apenas na repressão, mas em um projeto político-pedagógico que contemple também outras instâncias além do ensino-aprendizagem. É necessário envolver familiares, comunidade e poder público para discutir o problema e planejar novas medidas para minimizar o problema. Afinal, aprendemos novos valores e perspectivas não só na escola.

Uma solução que as escolas têm encontrado é envolver cada vez mais os alunos em projetos fora da sala de aula que tornem a experiência acadêmica muito mais ampla e prazerosa do que as aulas tradicionais. É preciso que o professor perceba que, às vezes, se a turma está passando por situações de conflito, é melhor estimular uma conversa do que dar uma aula que não vai ser bem aproveitada. Se o estudo dos conteúdos é importante, é necessário, sim, apoiar a criação de laços de solidariedade entre a comunidade acadêmica, fornecer subsídios para o pleno exercício da cidadania e preparar os alunos para uma vivência ética na sociedade.

HISTORICO

Bullying é um termo da língua inglesa (bully = “bully”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, sejam verbais ou físicas, deliberadas e repetidas, que ocorram sem motivo aparente, e cometidas por uma ou mais pessoas, causando dor e sofrimento, com o objetivo concomitante de intimidar ou atacar outras pessoas sem capacidade ou possibilidade de autodefesa, é realizado em uma relação de força ou poder desigual. (O bullying se divide em duas categorias: a) bullying direto, que é a forma mais comum entre os agressores do sexo masculino, e b) bullying indireto, que é a forma mais comum entre mulheres e crianças e é caracterizado pelo isolamento social da vítima. Normalmente, a vítima teme o perpetrador por causa de ameaças ou mesmo violência, violência física ou sexual ou perda de meios de subsistência.

O bullying é um problema mundial que pode ocorrer em quase todos os ambientes onde as pessoas interagem, como escolas, faculdades/universidades, residências, mas também pode ocorrer no local de trabalho e entre vizinhos. As escolas tendem a não reconhecer o bullying estudantil; elas não estão cientes do problema ou se recusam a enfrentá-lo. Esse tipo de agressão geralmente ocorre em áreas onde adultos estão presentes ou são supervisionados com pouca ou nenhuma supervisão. Bullying inclui apelidos depreciativos criados para **humilhar** colegas. As pessoas que presenciam o bullying, em sua maioria estudantes, convivem com a violência e se calam por temerem ser a “próxima vítima” do agressor. Nos espaços escolares, sem intervenções efetivas contra o bullying, o ambiente fica poluído e os alunos, sem exceção, ficam impactados, com medo e ansiosos.

Uma criança ou adolescente que sofre bullying pode crescer com emoções negativas e baixa auto-estima. Eles tendem a ter sérios problemas de relacionamento e podem até apresentar comportamento agressivo. Em casos extremos, as vítimas podem tentar suicídio ou cometer suicídio. Os perpetradores de agressão são muitas vezes indivíduos empáticos que pertencem a famílias disfuncionais, onde as relações emocionais entre os membros da família são muitas vezes escassas ou instáveis. Por outro lado, os perpetradores geralmente visam pessoas menos sociáveis, com baixa capacidade de responder ou interromper comportamentos prejudiciais a eles e com fortes inseguranças que os impedem de procurar ajuda.

O bullying fere um princípio constitucional — o respeito à dignidade da pessoa humana — e fere o Código Civil, que estabelece que qualquer ato ilícito que cause dano a outra pessoa gera a obrigação de pagar uma indenização. Tendo em vista que as escolas atendem aos consumidores e são responsáveis pelo bullying que ocorre dentro dos estabelecimentos de ensino/trabalho, os responsáveis pelo bullying também podem ser enquadrados no Código de Defesa do Consumidor.

O PAPEL DA ESCOLA

Atualmente, diversas pesquisas e programas de intervenção Anti-BULLYING vêm se desenvolvendo na Europa e na América do Norte. Um projeto internacional europeu, intitulado *Training and Mobility of Research (TMR) Network Project: Nature and Prevention of Bullying*, mantido pela Comissão Européia, teve a sua conclusão em 2001 e engloba campanhas do Reino Unido, Portugal, Itália, Alemanha, Grécia e Espanha.

Diversas discussões com os representantes das escolas participantes no programa foram desenvolvidas para obtenção de alguns princípios básicos na política de intervenção, e estabeleceu-se que, em cada unidade de ensino seria criado um Conselho formado por representantes da comunidade escolar, capaz de definir e priorizar as ações de acordo com os contextos sociais e políticos locais, buscando-se, assim, as soluções mais factíveis para a resolução dos problemas relacionados ao bullying.

No Brasil, o bullying ainda é pouco pesquisado, comentado e estudado, motivo pelo qual não temos indicadores que nos forneçam uma visão global para que possamos compará-lo aos demais países, a não ser dados de alguns estudos.

A Promotoria de Justiça elaborou um requerimento para acrescentar os casos de bullying ao Disque 100, número nacional criado para denunciar crimes contra a criança e ao adolescente. O documento foi enviado para o Ministério da Justiça e à Secretaria Especial de Direitos Humanos.

Além disso, já existe um projeto de lei, de 2007, que autoriza o Poder Executivo a instituir o Programa de Combate ao Bullying, de ação interdisciplinar e de participação comunitária, nas escolas públicas e privadas do Estado de São Paulo.

O bullying cada vez mais assume proporções alarmantes, atingindo todas as faixas etárias (Abrapia, 2006), desde o nascimento à morte do indivíduo, e sendo cada vez maior o número de praticantes.

Muitos pesquisadores em todo mundo estudaram este fenômeno e, nas suas pesquisas, concluíram que o bullying está a alastrar a todas as classes sociais e há uma tendência para o aumento desse comportamento com o avanço da idade (Abrapia, 2006). De notar que os adolescentes que praticam bullying têm mais probabilidade de praticar violência doméstica durante a idade adulta (Pereira, 1997).

O bullying assume duas formas: o bullying físico/direto e o bullying social/indireto (Marques, 2006).

O bullying físico/direto chama-se assim porque se caracterizam pela violência de caráter físico, como bater e empurrar, sendo também a prática mais comum dos rapazes.

Por sua vez o bullying social/indireto, assume esta definição por se voltar para a vertente psicológica, sendo mais praticado por raparigas e cujo objetivo principal é o de levar a vítima ao isolamento social, regra geral através de práticas como espalhar histórias maldosas, rejeitar, ofender e gozar com os aspectos socialmente significativos da vítima.

O bullying ocorre em qualquer lugar, data e hora onde as pessoas interajam umas com as outras, sendo a escola o local onde mais casos se dão (Wikipédia, 2007).

Porém, o bullying não ocorre unicamente nas escolas, atuando em todos os locais onde as pessoas interajam como é o caso do local de trabalho e da Internet [o chamado cyber-bullying], entre outros.

CIBERBULLIYING – PERIGO ANÔNIMO

A Internet, que pode ser uma ferramenta de auxílio às vítimas, também é utilizada pelos agressores em uma forma ainda mais danosa de bullying, o cyberbullying, que transfere para a Internet agressões que acontecem na sala de aula, no pátio e no entorno da escola, ultrapassando os limites da instituição de ensino. A hostilidade sempre existiu no ambiente escolar, mas é potencializada na rede mundial de computadores, dada a atual facilidade de criação de sites e comunidades na Internet. Meios que vão desde e-mails e mensagens de celular, até fotos digitais e montagens humilhantes a blogs com mensagens ofensivas são usados para humilhar os colegas. Os ataques também assumem a forma de vídeos humilhantes e insultos em salas de bate-papo.

"No mundo real, agressão tem começo, meio e fim. Na internet não acaba, o espírito fica", compara Rodrigo Nejm, psicólogo e diretor de prevenção da SaferNet Brasil, ONG voltada para o desenvolvimento de ações contra a pornografia infantil na web. O resultado

preliminar de uma pesquisa sobre segurança na Internet realizada no site de uma ONG chama a atenção: 46% das 510 crianças e adolescentes que responderam ao questionário disseram já ter sido vítimas de agressão na Internet pelo menos uma vez; 34,8% relataram ter sido agredidas mais de duas vezes.

"A forma virtual é mais fácil de usar do que as outras (física, verbal, sexual, material, psicológica) porque basta tocar na tecla 'enviar' para tornar os ataques reais. Tudo pode ser feito anonimamente", . Na escola, a identificação é mais fácil. Dependendo do grau de intensidade, as consequências podem afetar a saúde física, mental e o aprendizado. Na Inglaterra, essa forma de bullying foi responsável pelo suicídio de alguns adolescentes. E nessa categoria de bullying, as vítimas não são apenas colegas de classe, mas também professores, coordenadores e diretores de escolas. "Qualquer um de nós pode se tornar vítima de ataques cibernéticos e se deparar com fotos fixadas, piadas, comentários sexistas ou racistas sobre nossa privacidade.

De acordo com um estudo inglês encomendado pelo secretário de educação britânico, a popularização de equipamentos eletrônicos e acesso à web tem agravado os casos de bullying. Num inquérito, 70% das crianças entre os 12 e os 15 anos afirmaram já ter sido vítimas de cyberbullying, que pode ser, por exemplo, a publicação de fotomontagens na Internet, a distribuição de vídeos em que a criança é insultada ou agredida por colegas, entre outras formas de constrangimento.

No texto, os pesquisadores afirmam que o bullying é registrado em diversos países e culturas e pode causar sérios transtornos às crianças vítimas desse tipo de assédio. As consequências incluem o isolamento da criança, a deterioração do seu nível de aprendizagem e a formação de pessoas violentas. O estudo sugere uma ação mais ativa das instituições de ensino para identificar e punir os alunos que praticam bullying entre colegas e sugere que o tema seja discutido em sala de aula para criar uma cultura antibullying.

Algumas instituições brasileiras de ensino já têm tomado providências práticas para coibir o bullying. Na Escola Estadual Professor Walfredo Arantes Caldas, de São Paulo, alguns professores montaram um blog que informa e discute o problema com seus alunos.

FILMES PARA INSTRUÇÕES NA ESCOLA

4 Abaixo, as indicações de *Lidia Aratangy* para exibições na escola.

Jamaica Abaixo de Zero. Direção: Jon Turteltaub

Aparentemente, um filme sobre o espírito esportivo. Mas é também uma obra-prima sobre a solidariedade, o espírito de equipe e o respeito a si mesmo e ao outro. Fundamental.

O Clube da Felicidade e da Sorte. Direção: Wayne Wang

A história de quatro imigrantes chinesas nos Estados Unidos serve de pano de fundo

Para lidar com o choque de gerações e o preconceito.

O Banquete de Casamento. Direção: Ang Lee

O filme aborda a questão da homossexualidade masculina de maneira leve, levando o espectador a se identificar com os personagens, abalando assim os estereótipos sobre o amor e a sexualidade.

O Sol É para Todos. Direção: Robert Mulligan

Um dos mais pungentes libelos contra o preconceito que o cinema já produziu.

Glória Feita de Sangue. Direção: Stanley Kubrick

Um filme sobre a irracionalidade humana, que mostra o desvario das guerras e do conceito de heroísmo.

Este Mundo É dos Loucos. Direção: Philippe de Broca

A metáfora dos loucos que tomam conta da cidade abandonada provoca o questionamento sobre a inversão dos conceitos de sanidade e doença em nossa cultura.

O Inventor de Ilusões. Direção: Steven Soderbergh

Relata a saga de um garoto cuja mãe sofre reiteradas internações para tratamento de saúde. O menino vive com o pai em um quarto de hotel, em St. Louis, e passa por vicissitudes para lidar com a solidão, o desamparo e a fome.

Grand Canyon. Direção: Lawrence Kasdan

Choque de gerações e de valores, num filme denso e emocionante.

Sociedade dos Poetas Mortos Direção: Peter Weir

O professor apaixonado e criativo leva seus alunos (e a plateia) a indagações sobre o significado do conhecimento e a importância da cultura.

O Feitiço do Tempo. Direção: Harold Banis

A história aparentemente despretensiosa do repórter ranzinza e egoísta que se transforma com a repetição reiterada de um único dia de sua vida evoca temas fundamentais como a solidariedade e o preconceito.

Edward Mão de Tesoura. Direção: TIM Burton

Recorrendo ao mito do rapaz que possuía duas tesouras no lugar das mãos, o filme trata com sensibilidade de questões como o desajeitamento do adolescente e o preconceito.

Todos os Corações do Mundo. Direção: Murilo Sales. O futebol serve de veículo para retratar diferentes expressões da emoção e momentos de solidariedade e confraternização

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após este trabalho posso concluir que o bullying é uma constante nas nossas escolas e que, apesar do fenômeno ser conhecido e quase todos saberem o que é e que ele existe, é raramente admitida a sua existência naquele espaço em concreto, apesar de todos saberem que existe. O bullying tende a ser considerado um fenômeno a esconder, pois admitir a sua existência é um ato de coragem. As vítimas continuam a permanecer na escuridão, escondidas do mundo, enquanto os agressores são acompanhados e auxiliados a superar este problema.

Os principais envolvidos são crianças em fase de crescimento e aprendizado que necessitam de olhares atentos, de profissionais especializados, para evitar qualquer tipo de ameaça ao seu desenvolvimento e formação. Agressor, vítima ou testemunha,

independente do lugar em que se encontram na formação do bullying sofrerão com as consequências dessa violência. Enquanto alguns conseguem se livrar do passado atormentador, outros podem carregar para a vida adulta resquícios do que participaram da adolescência.

A solução está na escola que com certeza é quem deve ter um papel mais eficiente, primeiramente conscientizando-se que o problema existe e depois fiscalizando, controlando, participando os pais dos fatos ocorridos no seu interior e principalmente preparando seus profissionais para enfrentar esse tipo de agressão. Os programas para redução do bullying escolar têm sido muito eficientes nos locais que são desenvolvidos e precisam ser mais utilizados pelas instituições de ensino.

A família é o ponto de partida para a análise do comportamento infantil. Através de um estudo da conduta de um agressor chega-se pontualmente ao ambiente em que vive e é a partir daí que se identificam os problemas que um jovem leva para escola. Suas ações e reações espelham o que ele presencia em casa. Por esse motivo é que os pais ou responsáveis devem participar da vida escolar do filho e no caso de omissão, serem responsabilizados solidariamente com a escola.

O estado através dos seus governantes tem a obrigação de olhar mais para a educação, dando o incentivo necessário para as instituições de ensino, que visam à formação do jovem. O Programa Educar para Paz elaborado por Cléo Fante é um exemplo de sucesso e deveria ser implantado em todas as escolas como forma de prevenir as manifestações do bullying escolar.

Sendo uma forma de violência, o bullying escolar deve ser combatido, evitado a todo custo, ser uma preocupação constante de todos, pois os envolvidos são jovens que precisam de atenção e afeto, de um tratamento diferenciado, pois eles estão em desenvolvimento e têm grandes expectativas para o futuro.

Precisamos reconhecer que o bullying escolar não é uma brincadeira de criança e é prejudicial para todos. Assumir nossa responsabilidade social e humana, afastando esse tipo de violência dos nossos jovens, é uma finalidade a ser atingida.

REFERENCIAS

BANDEIRA DE MELLO, Celso Antônio. **Curso de direito administrativo**. 27. ed. rev. e atual. São Paulo: Malheiros, 2010.

BARBOSA, Carlos Cezar. **Responsabilidade civil do Estado e das instituições privadas nas relações de ensino**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

BRASIL. **Lei 8.069 de 13 de julho de 1990 que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Senado Federal, 1990.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº. 9394/96**. Brasília: Senado Federal, 1996.

BULLYING, um crime nas escolas. ISTO É Independente. 2013.

CALHAU, Lélio Braga. **Revista Jurídica Consulex**, Brasília, ano XII, n. 276, p. 46-47, 15 jul. 2008.

CAVALIERI FILHO, Sergio. **Programa de responsabilidade civil**. 9. ed. São Paulo:Atlas 2010.

CEARÁ. Constituição do Estado do Ceará. Fortaleza: **Assembleia Legislativa do Ceará**, 1989.

CRETELLA JÚNIOR, José. **Administração Indireta brasileira**. 4^a. ed. atual., reescr. ev. de acordo com a Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

COUTO, Sergio; SLAIBI FILHO, Nagib (Coord.). **Responsabilidade civil: estudos e depoimentos no centenário do nascimento de José de Aguiar Dias (1906-2006)**. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

CURY, Munir (Coord.). **Estatuto da criança e do adolescente comentado**. 9. ed. atual. por Maria Júlia Kaial Cury. São Paulo: Malheiros, 2008.

FRIEDMANN, Adriana. **Violência e Cultura de Paz na Educação Infantil**. NEPSID. Disponível em: http://www.nepsid.com.br/artigos/violencia_e_cultura_de_paz.htm Acesso em: 09 set. 2022.

FUX, Luiz. **Curso de direito processual civil**. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

MAKARON, Sônia. **Bullying: Como enfrentá-lo?** Disponível em: http://www.bullying.pro.br/images/pdf/bullying_como_enfrentar.pdf acesso em: 16 set. 2022.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

DIVERSAS MODALIDADES DE ATIVIDADES TEATRAIS

Maria Veroneide da Conceição de Sousa

Resumo

Este trabalho tem por objetivo demonstrar que o teatro traz uma forma de prazer e diversão para a criança onde ela aprende brincando e que o teatro é um agente facilitador na compreensão de temas com histórias. A atividade teatral desenvolve, no indivíduo, o âmbito da expressão e personalidade, dando oportunidade, para a criança que tenha dificuldades de se relacionar com os demais, poder interagir com o grupo.

Palavras-chave: aprendizagem; ludicidade; teatro.

Os tipos de atividades teatrais podem ser focados no contexto de atividades físicas, trazendo uma proposta diferente das que vemos tradicionalmente.

As diferentes modalidades de atividades teatrais que serão citadas nasceram em um contexto histórico. Cada modalidade possui uma forma de produção de seus materiais que podem ser utilizados na construção (desde materiais reciclados a materiais caros) e como cada um deles pode acrescentar na construção da criança em modo geral.

1 Os segredos do Teatro de Máscaras

O uso da máscara como elemento cênico surgiu no teatro grego, por volta do século V a.C. O símbolo do teatro é uma ilusão aos dois principais gêneros da época: a tragédia e a comédia. A primeira tratava de temas referentes à natureza humana, bem como o controle dos deuses sobre o destino dos homens, enquanto a última funcionava como um instrumento de crítica à política e sociedade atenienses. Durante um espetáculo, os atores trocavam de máscara inúmeras vezes, cada uma delas representava uma emoção ou um estado do personagem. (Klein, 2007)

As máscaras são utilizadas desde a Pré História nos rituais religiosos. Segundo Idalina Ladeira (1993), em lugares como a África, elas são esculpidas em madeira; os índios americanos usam couros e penas. Já na Oceania são feitas de conchas, madeira e madrepérolas.

Os tipos de máscaras mais antigas da natureza são as que são pintadas na própria pele com maquiagens e tinturas especiais tiradas da natureza (clorofila das plantas), normalmente utilizada pelos indígenas em rituais religiosos.

Lembramos também que aqui no Brasil, as máscaras são utilizadas no carnaval. As crianças adoram usar máscaras, principalmente de super-herói, uma atividade importante é produzi-las em sala de aula.

Com isto, o teatro de máscaras ajuda a desinibir as crianças, pois as crianças mantêm seus rostos cobertos, o que permite viver a história dos próprios personagens e o cotidiano a que o personagem pertence. Nos dias de hoje podemos perceber muito disso em festas de aniversários, casamentos e outros eventos, onde eles dispõem de adereços para brincadeiras que faz com que nós possamos liberar o nosso eu interagindo e socializando um ao outro.

2 As descobertas no Teatro de Sombras

Segundo Idalina Ladeira, (1993) o teatro de sombras originou-se na China em homenagem a uma bailarina e se espalhou pela Europa. Esta modalidade de atividade é pouco desenvolvida no Brasil. Além de extremamente divertido pelo mistério que cria, estimula muita a criatividade da criança. Hoje os teatros de sombras são praticados regularmente por mais de 20 países.

Pode-se usar vários objetos, fantoches de varas, recortados em papel cartão, cartolina ou papel grosso.

A criança fica atrás do palco interpretando a história, participando de toda a movimentação dos bonecos e sua confecção.

Outra forma de se trabalhar são as sombras feitas com as mãos, as quais são projetadas na parede, formando figuras de bichos. Pode-se lhes dar movimentos como o mexer das orelhas, asas e fechar a boca. Mas para que esse tipo de atividade aconteça, é necessário um ambiente escuro, com a iluminação de uma lâmpada ou vela.

O teatro de sombra além de proporcionar a criatividade, ajuda à criança a desenvolver a motricidade das mãos, o que é importante no período da alfabetização, o despertar da criatividade, mostrando outras formas de representar utilizando diferentes ferramentas encontradas em seu corpo, neste caso as mãos. Além de uma atividade divertida, não precisa disponibilização de matérias e o que é melhor sem custos, pois é importante, pois de acordo com a comunidade que trabalha não há nenhum recurso.

3 A magia do Teatro de Fantoches

Segundo os relatos de Idalina (1993), o teatro de Fantoché existe desde a Antiguidade, surgido da criatividade do homem, que modelavam bonecos de barro. Foram aprimorados e, com o tempo, houve a idéia de articular cabeça e membros para fazer representações com eles.

Em alguns lugares como na China, Índia, Java já existia o teatro de bonecos e na Grécia Antiga os bonecos não só tinham uma importância cultural como também eram usados no contexto das crenças religiosas. Essa cultura se espalhou por toda a Europa.

Já na Idade Média, os bonecos eram utilizados em feiras populares e na doutrina religiosa. Após a Primeira Guerra, os bonecos foram articulados por fios e varas e passaram a ser usados nas escolas americanas e brasileiras.

No Brasil, os primeiros espetáculos com apresentação de bonecos foram no século XVI. No nordeste o teatro de bonecos surgiu através das tradições e é usado até os dias de hoje.

De acordo com Idalina (1993), somente no século XX foi consolidado o teatro de bonecos para todo o país. Os fantoches podem ser confeccionados de diversas formas, utilizando material e sucatas, organizados e selecionados pela própria criança. Também se

poderá usar as próprias mãos como Fantoches: basta desenhar nas próprias mãos usando a criatividade da própria criança.

A criança deve ser incentivada a explorar todo o movimento dos dedos, mãos e braços criando uma atmosfera do movimento do próprio corpo.

O encantamento do teatro de fantoches é a magia que ele transmite tanto para a criança quanto para o adulto. A Vila Sésamo, por exemplo, é um programa que é televisionado desde a nossa infância, na TV Cultura que está encantando as crianças até hoje.

Além de ser um recurso que pode ser instruído pelo os educandos com materiais recicláveis, ajudando até mesmo na preservação do meio ambiente.

4 Teatro de Varas: Uma variação do Teatro de Fantoches

Uma variação do teatro de Fantoches considera também o Fantoche de varas. O custo dos bonecos é mais baixo além de mais fácil confecção.

Os fantoches de vara mais comum de serem encontrados em feiras livres ou artesanais são os de cone, normalmente representados por figuras humanas ou animais, sobre forma de palhaço ou pierrô, (personagens mais encontrados). Basta segurá-los pela vareta e dar-lhe o movimento conforme a situação.

5 O encantamento da Pantomima

Podemos dizer pantomima é uma espécie de teatro gestual, diferenciando-se da expressão corporal e da dança, é a arte objetiva da mímica, de narrar histórias através do movimento corporal. Na pantomima os artistas devem buscar a forma perfeita, a estética da linha do corpo, pois através do gesto se dirá tudo o que a pantomima está na habilidade adquirida pelo artista mímico em se transfigurar no ato da interpretação, passando à platéia emoções, sentimentos, sensações, é uma arte que exige 100% do artista para que ele receba 100% de retorno, ou seja, a atenção do público.

Para Idalina (1993), o ator que trabalha com a pantomima, precisa conhecer e estudar o corpo, treinar constantemente expressões de alegria, choro, dor, desespero, felicidade. O ator tem que expor seu lado ridículo a fim de liberar tais emoções e sentimentos deve-se usar a sensibilidade e conhecer a importância daquele personagem.

Resumindo, Pantomima é o uso de caricaturas, dramatização (por exemplo, Charles Chaplin), que usa características fortes sem uso de palavras, às vezes tem um contexto social, usado muito em aulas de teatro. Tem como objetivo a diversão, a socialização, a coordenação motora e aprender a usar o corpo como um todo.

Diferentes de todas as modalidades teatrais que vimos a Pantomima por ser um teatro gestual exige muito mais atenção, concentração e paciência sendo passado de uma forma bem expressiva, onde a linguagem que esteja sendo expressada pelo o corpo seja clara, ou seja, fazendo com que a platéia capte a mensagem que está sendo passada.

Considerações finais

O teatro como recurso pedagógico, quando bem planejado e bem conduzido nas escolas de educação infantil, é, altamente significativo no processo educativo. Ele promove a socialização dos educandos, ajudando-os a estruturar atitudes de bom convívio social. Ensina-os a trabalhar em equipes combatendo o excesso de individualismo; enriquece as experiências dos alunos, porque os põe em contato com diferentes pontos de vista; tem grande poder motivador, visto dar margem à auto-realização dentro do grupo; favorece a criatividade, mediante as estimulações intensas, decorrentes da situação interativa; liberta os educandos de preconceitos, uma vez que as opiniões são confrontadas e analisadas criticamente, promove a solidariedade e o entendimento recíproco, combatendo o egocentrismo e facilitando a empatia e ainda amplia a comunicação de uma forma geral.

Referências Bibliográficas

- CAVALIERI, Ana Lucia F. ***Teatro Vivo na Escola***, São Paulo, Editora FTD, 1997.
- COURTNEY, Richard. ***Jogo, teatro e pensamento***. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- DINIZ, Gleidemar J.R. ***Psicodrama Pedagógico Teatro – Educação seu valor psicopedagógico***. São Paulo, Editora Ícone, 1995.
- FREIRE, Paulo. ***Pedagogia da Autonomia***. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1996.
- LADEIRA, Idalina et CALDAS, Sarah. ***Fantoches e Cia***. Editora Scipione, Rio de Janeiro, 1993.
- LOPES, Joanna. ***Pega Teatro***. Editora Papirus, Campinas, 1989.
- REVERBEL, Olga. ***Jogos teatrais na Escola***. Editora Scipione, São Paulo, 1993.
- Um caminho do teatro na escola***. Editora Scipione, São Paulo, 1989.
- SANT'ANNA, Catarina. *Revista Tema São Paulo. Do tempo Literário ao texto teatral: Caminhos para adaptar*, numero 27/29, 1996, p.254 – 265.
- SLADE, Peter. ***O jogo dramático infantil***. Editora Summes, São Paulo, 1978.

